

POLITICA CINEMATOGRAFICA E RESISTENCIA CULTURAL

Gustavo Dahl

Certas árvores brotam dos muros de pedra, atingindo galhadas de porte, exclusivamente graças à capacidade que tem as suas raízes de irem buscar a humidade acumulada nos intestícios e suas folhas de retirarem do ar o alimento necessário à sua sobrevivencia. Bem comparando, fazem-me pensar na vida que se deu o cinema brasileiro pretendendo vicejar numa parcela que supera de pouco a centesima parte do mercado mundial, da qual devem sair os meios necessários para as atividades de produção, distribuição e exibição cinematográficas. E por cima enfrentando simultaneamente seu concorrente mais poderoso, o cinema americano, bem como o modelo autoritário, monolítico de televisão que foi imposto ao país nos últimos quinze anos. Por maior que seja a capacidade de nossos cineastas de fazer das tripas, coração, qualquer cassandra de suburbio não hesitaria em vaticinar-lhe morte próxima. Basta pensar que para a atividade de produção cinematográfica nacional, motor do processo, ~~se~~ cabe anualmente como recursos oriundos do próprio mercado a irrisória quantia de aproximadamente trezentos milhões de cruzeiros, ou dez milhões de dólares, da qual devem viver os cem filmes brasileiros que mal ou bem são jogados em circulação durante o mesmo periodo, que se somam à produção dos quatro anos anteriores. E que a televisão, ~~com~~ cuja força e alcance não cessa de ser cantada em prosa e verso como fator de integração nacional,

Os meios de comunicação de massa, da imprensa de Gutenberg ~~xxxxxxxx~~ à televisão por cabo conhecem diferenças de importância no corpo social em que exercitam sua atividade. ~~XXXXXXXXXXXX~~ Até trinta anos atrás o cinema foi considerado o mais ~~XXXXXXXXXX~~ abrangente medium inventado pelo homem, até que a televisão lhe arrebatou o título. Hoje em dia é a própria televisão que conhece uma mudança de perfil graças a avanços tecnológicos - Tv a cabo, video-disco, acoplação a computadores, miniaturização dos equipamentos - enquanto que o cinema recupera-se do terremoto que foi a queda de espectadores provocada pela vulgarização da televisão. Tanto através da utilização dos aparelhos de televisão como uma grande rede doméstica de exibição, ~~XXXXXX~~ com as correspondentes associações no nível da produção, quanto através da modificação de formato das salas exibidoras aumentando a oferta de títulos de filmes, adequando as dimensões da oferta e da procura de lugares, reconhece o cinema a necessidade de encontrar o seu espaço, um novo equilíbrio econômico, que pode variar entre as produções em 16 mm de baixo custo até as gigantescas operações de marketing cinematográfico do genero Superman ou Guerras nas Estrelas.

Por outro lado, à beira de uma nova década, de um novo milenio que se aproxima vertiginosamente, as crises ideológicas da esquerda e da direita, de Teng a Berlinguer, de Carter à Khomeini, de Somoza à Stroessner, das dissidencias da Arena aquelas do Partido Comunista Brasileiro, privilegiam as tecnicas de comunicação de massas não só como fator de mobilização política mas também como ^{elemento} ~~XXXXXX~~ determinante das características culturais de um povo. Como seriam os americanos sem Hollywood, como seriam ^{o Brasil} ~~o brasileiro~~ sem a TV Globo? ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Como seria o cinema brasileiro se não tivesse que enfrentar sozinho dois competidores ^{como os supra-citados?} tão poderosos. Qual é o seu papel dentro de uma politica nacional de comunicações de massa - ou sociais, como querem outros? Existe um projeto ~~XXXXXXXXXX~~ ^{brasileira} de potencialização da sociedade através destes meios ou existe uma alucinante ambição de utilizá-los como fator de manutenção do statu quo em nome de uma harmonia social cada vez mais precaria? Pode-se ou deve-se falar em concentração da informação como se fala na concentração de renda, pode haver abertura democratica sem democratização da informação?